

**O MAL COMO PROBLEMA PARA A RAZÃO SUFICIENTE:  
UMA REFLEXÃO A PARTIR DE KIERKEGAARD E BERDIAEFF**  
*EVIL LIKE A PROBLEM TO SUFFICIENT REASON: A REFLECTION FROM  
KIERKEGAARD AND BERDIAEFF*

**Maria Cristina Mariante Guarnieri**  
*PUC/SP*

---

**Resumo:** A experiência do mal intensifica nossas indagações sobre o sentido, mas a razão inevitavelmente revela sua insuficiência para respostas. Há um vazio provocado pelo sofrimento que a razão insiste em preencher com explicações que aliviem a angústia. Nosso intuito nesse artigo é discutir a questão do mal no pensamento de Soren Kierkegaard e Nicholas Berdiaeff, no qual o problema da distinção entre o bem e o mal é precedido por outro problema: o da liberdade divina e da liberdade humana. Nesse sentido, a questão do mal estaria ligada não só ao conceito de liberdade como também ao problema de Deus. O pensador religioso entende que o mal está identificado com o próprio indivíduo, por uma suposição ontológica: tanto Kierkegaard como Berdiaeff estão trabalhando a partir de uma antropologia – que será o objeto dessa reflexão – que fala de um ser humano insuficiente, que se reconhece relativo, diante do Absoluto.

**Palavras-chave:** Mal; Liberdade; Kierkegaard; Berdiaeff.

**Abstract:** The experience of the evil makes stronger our investigations about the sense, but the reason inevitably discloses its insufficiency to the answer. There is an empty provoked for the suffering that the reason insists on filling with explanations that release the angst. Our aim in this article is to argue the question of the evil in the thoughts of Søren Kierkegaard and Nicholas Berdiaeff, where the problem of the distinction between the good and the evil is preceded by another problem: of the divine freedom and the human being freedom. In this sense, the question about the evil would be connected not just about the concept of freedom but also as the problem of God. The religious thinker understands that the evil is identified with the individual itself, with a ontological assumption: even Kierkegaard as Berdiaeff are working beyond an anthropology – which will be the object on this reflection - that talks about of a insufficient human being, that recognizes himself relative front the Absolute one.

**Keywords:** Evil; Freedom; Kierkegaard; Berdiaeff.

---

É inegável o desenvolvimento da ciência. Porém, quando dirigimos a atividade científica para a questão da condição humana, inevitavelmente surgem questões pela origem e pelo sentido de ser no mundo. A busca pelo sentido transformou-se, sutilmente, na busca pela razão das causas e dos fins últimos. Mas, em uma razão que justifique nossa presença nesse mundo e defina parâmetros mais seguros de bem viver. Assim, encontramos tentativas de ampliar, tanto quantitativa, como qualitativamente, a existência humana. E, sem dúvida, muito sucesso tem-se atingido com o avanço tecno-científico, mas a existência do mal e do sofrimento desmorona qualquer pretensão que o pensamento humano

possa almejar. A experiência do mal intensifica nossas indagações sobre o sentido, mas a razão inevitavelmente revela sua insuficiência para respostas. Há um vazio provocado pelo sofrimento que a razão insiste em preencher com explicações que aliviem a angústia. O mal resiste e sua presença no mundo se faz evidente, de forma concreta, apontando nossos limites e o caráter contingente de nossa condição.

Nossa intenção é levantar alguns pontos de reflexão sobre o tema do mal no pensamento de Søren Kierkegaard e de Nicholas Berdiaeff (Há diferentes grafias para o nome do autor, há mais comum encontrada é Berdyaev, mas aqui estamos

respeitando a grafia da tradução em francês que estamos utilizando). Entre esses dois pensadores há uma distância: Berdiaeff, um russo, cristão ortodoxo, que tende a uma valorização da mística, e Kierkegaard, um dinamarquês, protestante, que entende a experiência mística como algo, no mínimo, estranho. O desejo de aproximá-los nasce da citação freqüente que Berdiaeff faz do filósofo dinamarquês, com uma inquietante leitura do angst kierkegaardiano como algo terrível e que suscitava tanto o medo, como o terror; sentimentos que, mesmo quando considerados necessários, não são, segundo o pensador, as melhores categorias para falar sobre angústia religiosa. Porém, nesse confronto, encontrei bem mais do que divergências. Kierkegaard é um interlocutor para Berdiaeff, e minha hipótese é que a ligação da liberdade com a questão do mal parece ser um dos pontos de encontro entre os dois autores.

Para atender nossa proposta, focalizaremos os seguintes textos: Conceito de Angústia (1849 – escrito sob o pseudônimo de Johannes Climacus) de Soren Aabye Kierkegaard (1813-1855) e Destinatío de l’homme<sup>1</sup> (1935) de Nicholas Berdiaeff (1874-1948), nos quais podemos observar que o problema da distinção entre o bem e o mal é precedido por outro problema: o da liberdade divina e da liberdade humana. Nesse sentido, a questão do mal estaria ligada não só ao conceito de liberdade como também ao problema de Deus.

### ***Sobre a liberdade***

Liberdade é uma categoria fundamental para o pensador dinamarquês. Existir é um exercício da liberdade, pois para Kierkegaard a existência é uma tarefa que será marcada por um interesse infinito em relação a si mesmo e também ao seu destino, sendo este si mesmo um “vir a ser” que é sentido e experimentado como um contínuo trabalho realizado sob o domínio da liberdade. A liberdade pressupõe possibilidades e a existência humana se caracteriza pela liberdade do indivíduo escolher. Mas, ao mesmo tempo, o que caracteriza a condição humana é seu

caráter ontologicamente dependente. E é essa ambigüidade entre autonomia e dependência que irá marcar as relações do indivíduo com sua liberdade.

Ambigüidade que também está presente no filósofo russo. E, é claro, que há uma obviedade aqui: ambos são pensadores religiosos e percebem a condição humana como condição de criatura mortal, o que por si só já anuncia o caráter dependente, mas é justamente a liberdade que garantirá certa autonomia ao humano. Para ambos os autores, o interesse da existência é a realidade e esta não se deixa exprimir na linguagem da abstração. Para Kierkegaard (1978, p. 230), “a única realidade que há para um homem existente é sua própria realidade ética”, pois é uma exigência da ética fazer com que o pensador se interesse infinitamente na existência.

Berdiaeff, ao discutir os problemas da ética, nos lembrará que o ato de filosofar implica liberdade (Cf. 1935, p. 9-15). E liberdade é uma característica da atividade intelectual do pensador religioso na medida em que ele é consciente da multiplicidade e da efemeridade de sua condição diante do Absoluto. Para o pensador russo,

*A religião e a ciência podem todas as duas fecundar o conhecimento filosófico, mas elas não devem tornar-se uma autoridade externa para esse conhecimento. O conhecimento filosófico é um conhecimento humano, no qual se coloca indiscutivelmente a liberdade do homem; ela não é uma revelação, mas a livre ação cognitiva do homem sobre a revelação. [...] Se a filosofia é possível, ela só pode ser livre, pois ela não deve sofrer nenhum constrangimento; em todo ato do conhecimento, ela se faz livre diante da verdade e não admite barreiras, nem se fechar entre duas escolhas. (BERDIAEFF, 1935, p.12)*

Discutir a filosofia é, para Berdiaeff, a possibilidade de discutir um possível conhecimento sobre o ser humano. Mas, para tanto, só poderíamos pensar em uma filosofia que não renuncie a sabedoria da religião, pois isso só enriqueceria o conhecimento. Não devemos nos iludir, segundo o autor, que uma filosofia livre seja o mesmo que dizer que ela é autônoma. A ideia de autonomia não deve ser confundida com a de liberdade, sob risco de nos apresentarmos ingênuos quanto à ideologia presente em qualquer construção de conhecimento. Para Berdiaeff, o conhecimento é a própria vida espiritual, pois só no espírito que o ser é humano, e é nele que reside o enigma do conhecimento, o mistério do ser.

---

1. As traduções desse artigo são de responsabilidade da autora.

A liberdade, portanto, será a questão fundamental: tanto em relação a Deus como em relação ao homem. Uma liberdade que surge para os pensadores como um paradoxo, característica, aliás, elogiada por Berdiaeff em Kierkegaard, por este ter percebido a condição trágica paradoxal humana. (Cf. BERDIAEFF, 1935, p. 69-70)

### ***Mal e liberdade: um paradoxo***

O mal, visto por Kierkegaard, é infinito e o bem, finito, o que, por consequência, acarreta a necessidade de repetição constante das ações positivas num esforço para combatê-lo. A questão do mal e da liberdade, portanto, é um paradoxo que, em Kierkegaard, trata especificamente da fé cristã; a fé paradoxal que encontra no Deus-homem a conciliação de tempo e eternidade no instante. O paradoxo cristão é, para o autor, a expressão mais adequada da verdade existencial. Para compreender o paradoxo, podemos aproximá-lo da inteligência e, dessa forma, se evidenciará a diferença, pois a inteligência não compreende o que é evidente para a paixão: aquilo que é incompreensível – Deus. Deus só é passível de compreensão pelo paradoxo. “Contudo, [diz Kierkegaard] não é necessário pensar mal do paradoxo, pois o paradoxo é a paixão do pensamento e o pensador sem um paradoxo é como o amante sem paixão; um sujeito medíocre.” (KIERKEGAARD, 2008, p. 61) E, para o pensador, é a angústia que, em ambos os autores, nos lembra de nossa origem espiritual, pois é ela que nos leva a constatação de nossa situação paradoxal no mundo, revelando nosso caráter transcendente.

Kierkegaard afirma que é na queda, isto é, no fato de se estar longe de Deus, que as pulsões humanas tornam-se fonte do mal e, como tais, produzem uma nova angústia. Saber que se é diferente de Deus, segundo Kierkegaard, é o primeiro passo para saber algo e isto não se alcança pela inteligência. Essa diferença chama-se pecado que é o estado do ser na não-verdade (Cf. KIERKEGAARD, 2008, p. 32).

Berdiaeff reconhece a antropologia kierkegaardiana, justamente por entender que essa não pode ser nem só sociológica, nem só psicológica, mas sim ter um caráter ontológico. Para o autor, as doutrinas sobre Deus que não

ensinam a ação da Graça no mundo e no homem são estéreis e inoperantes. O ser vivo, concreto, torna o conhecimento estático impossível. O homem não pode ser excluído do conhecimento, não deve ser eliminado, mas sim elevado do estado físico e psíquico ao ser espiritual (cf. BERDIAEFF, 1935, p. 23). De fato, Kierkegaard desenvolve uma antropologia do pecado; sua análise sobre a falta está fincada em Gn 3, 8-24. Na linguagem psicológica poderíamos traduzir essa falta em medo da punição, medo das pulsões, vergonha, medo da morte. A fonte do mal, então, seria a queda, pois é ela que transforma essas pulsões em maldade e não a existência, pois, teologicamente, ao agarrar-se à finitude, o indivíduo se desvia de Deus. Neste sentido, o homem kierkegaardiano baseia-se numa angústia, fruto de uma liberdade que se transforma na relação com ela própria. O pecado torna-se, então, uma realidade que se expressa na existência. Para Kierkegaard, a queda é um ato de liberdade; comer o fruto, a escolha provocada pela própria angústia. O ato de pecar é consequência da angústia que representa o mais alto grau de egoísmo, pois neste estado o indivíduo não desvia o olhar dele próprio e, assim, perde de vista Deus.

“Com o pecado, o salto qualitativo instaura no indivíduo, a diferença do Bem e do Mal.” (KIERKEGAARD, s/d, p.168) É por sua liberdade e por sua falta que o indivíduo realiza o mal, não um mal objetivo buscado pelo homem, mas a angustiante possibilidade de poder que se abre ao homem a partir do interdito: o mal é o objeto buscado pelo homem fora dos limites impostos por Deus (Cf. KIERKEGAARD, s/d, p. 92-3).

### ***O mistério do ser***

Não muito distante de Kierkegaard, Berdiaeff também recorrerá ao Gênesis, mas com uma sutil diferença, principalmente no que se denomina angústia, que no primeiro provoca o pecado, e no segundo lembra quem somos, do “mistério do ser, do qual estamos isolados” (1935, p.229). Em sua opinião, “Kierkegaard tinha percebido muito bem este ponto, mas introduziu na nostalgia e em sua expressão suprema, a angústia mística, o elemento do medo. Seu Angst confunde, de qualquer maneira o terror anticus e o

temor bíblico de Deus.” (BERDIAEFF, 1935, p.229) E, para ele, não pode e não deve haver medo diante de Deus e, por isso, a expressão “temor de Deus” é inexata. Em suas palavras:

*Na presença de Deus, nós só podemos experimentar uma angústia mística, angústia diante do mistério infinito. Introduzir na nossa fé e em nossas relações com o criador um temor religioso é adaptar a uma esfera suprema uma categoria própria da vida do mundo natural, a qual ela não saberia se aplicar. O medo pode nascer em relação a um animal feroz ou a doenças infecciosas, mas não em relação a Deus. Podemos temer os poderes deste mundo banal, os soberanos, os comissários do povo ou as autoridades, mas não podemos temer Deus.* (BERDIAEFF, 1935, p. 230)

A nostalgia e a angústia falam deste homem como um ser caído e inferior, e é esse homem que o medo revela, mas também revela sua natureza elevada, aquela que é semelhante a Deus e, por isso, aponta seu destino a uma vida suprema. Berdiaeff, então, concorda em parte com Kiekrekgaard, pois ele entende que há uma estreita ligação entre angústia e medo, mas, ao mesmo tempo, há uma distância entre eles. Na realidade, a aproximação entre medo e angústia é marcada pela necessidade humana de lidar com o desconhecido e garantir, de alguma forma, o poder e o controle sobre sua vida. Porém, quando o pensador russo ressalta a distância entre medo e angústia, ele pretende garantir a presença do mistério como elemento constituinte do ser humano, pois só assim teríamos um antídoto à “banalização superficialista”<sup>2</sup> como um fim do ser humano – no sentido de telos – o que, na realidade, acaba se tornando uma questão ética.

O homem é um ser social; é indiscutível, mas é igualmente um ser espiritual, que pertence a dois mundos. O homem só pode conhecer o bem existente como ser espiritual, pois como ser social,

---

2. Berdiaeff se refere ao mundo banal, como aquele inferior, superficial, no qual vivemos, quando esquecemos nossa origem divina, perdemos a ligação vertical, nos prendemos a uma horizontalidade que leva a perda da originalidade, da criatividade e da individualidade; quando perdemos, inclusive, a ambigüidade de nossa condição, pois já não há mais a tensão entre ser e não ser, plenitude e vazio, e ficamos apenas com a reprodução banal de uma vida superficial: “A banalidade dissimula o trágico e a angústia da vida; nela o cotidiano social, cuja fonte remonta ao pecado, perde a lembrança dessa fonte. Ele se satisfaz plenamente e se gozija da superfície do não-ser.” (1935, p. 232)

ele só conhece os conceitos transitórios de bem. A sociedade não pode ser um valor supremo, nem o alvo final da vida humana. A questão aqui não é apenas conhecer a origem e desenvolvimento do que é bem e mal, mas reside na consciência do bem e do mal por eles próprios. Para Berdiaeff, o importante é a ontologia do bem e do mal e não o conceito humano que os definem. O autor inverte nossa percepção e nos apresenta o fato de que os conceitos de bem e mal se encarnam nos hábitos sociais, revelando a sociedade, mas o bem e o mal por eles próprios não dependem disso; é, ao contrário, a sociedade que depende de sua ontologia.

Para Berdiaeff (1935, p.231), a “ética que determina o elemento social é sempre uma ética da força, mesmo se ela se reveste de formas liberais. Por consequência, toda ética utilitária é uma ética da força. A ética da espiritualidade é a única que escapa disso.” Para o autor, a ética da espiritualidade se anunciaria pela aspiração pelo divino; o amor puro seria seu único guia. A ética “terrena”, como o autor denomina essa ética utilitária, é uma ética do medo, onde os julgamentos e as ações morais são determinados pelo medo, ao que o autor acrescenta: “se eu me proponho a possuir a felicidade como um objetivo, eu sou condenado ao conhecimento do medo de uma maneira permanente. Só uma atração para a elevação divina pode me libertar, mas provoca também uma nostalgia e uma angústia sagrada.” (BERDIAEFF, 1935, p.231)

Há um conflito entre o Criador e a criatura e o mal é a origem desse conflito, isto é, para Berdieff, ao priorizarmos a existência, fundada na relação entre a liberdade de Deus e a liberdade do homem, teremos um entendimento tanto do mal como do bem como algo existente e não pensado pelo indivíduo. Se, por exemplo, como norma ética, pensarmos a vida como bem supremo e como último valor, estaremos entendendo que o bem significa levar a vida ao máximo e o mal significa tudo aquilo que diminui a vida e a conduz à morte ou ao não-ser. As implicações deste entendimento têm enriquecido diversos debates contemporâneos no âmbito da bioética. Não vamos aprofundar aqui essa questão, mas a diferença sutil de priorizar a existência, fundada

na relação entre a liberdade de Deus e liberdade do homem, seria a vida que inclua tudo, inclusive a morte. Uma vida autêntica, que possua mais que uma concepção biológica, que possua também uma concepção espiritual. Nas palavras de Berdiaeff:

*Uma vida super abundante é um bem e um valor, mesmo se traz com ela o sofrimento e não a felicidade, mesmo se ela engendra a tragédia. A vida é tudo, incluindo a morte. Para a vida ser um bem e um valor deveria possuir um sentido que seja tomado, aliás, no seu processo e que se consiga se elevar acima dele. A avaliação, do ponto de vista do sentido, supõe sempre uma avaliação acima do que se estima. Nós somos obrigados a reconhecer que existe uma certa vida autêntica, por distinção daquela que é ilusória e pecadora. A vida se avalia não em relação ao seu acréscimo quantitativo, mas também em razão de seu impulso para o que lhe é superior. Somos obrigados a constatar que existe mais que uma concepção biológica, existe uma concepção espiritual que implica não somente a vida humana, mas também uma vida divina. A vida espiritual pressupõe qualquer coisa de superior, a vida que se eleva para Deus, a vida de qualidade, a vida espiritual, e é essa vida que constitui o bem supremo. A vida pode ser para nós o símbolo do valor supremo, o último bem; mas o valor e o bem são o símbolo do ser autêntico que não é nada mais que o símbolo do mistério final. (1935, p. 38)*

Poderíamos dizer que a liberdade que se entende geralmente responsável pelo mal é a liberdade que a criatura recebeu de Deus e da qual ela abusa. Essa é uma explicação, mas para Berdiaeff é muito simples. De fato a liberdade vem de Deus, e torna-se um dom funesto que torna fatal o destino do homem. A consciência teológica mais corrente da liberdade não descarta o Criador da responsabilidade do mal e do sofrimento do mundo. Para Berdiaeff (p. 39-41), o conflito que se impõe entre o Criador e a criatura é devido ao mal e à sua origem, o que resulta em um grande problema para a teologia. A conhecida teodicéia surge historicamente como tentativa de conciliar a existência de Deus com a do mal, tornando esta fórmula compreensível à razão. Mas será o mistério que estabelecerá o limite para a consciência racional, isto é, a partir da reflexão de Berdiaeff, podemos afirmar que a indagação presente na teodicéia é um erro tal como aquele cometido por Jó quando nega a própria culpa e contesta a hipótese da retribuição divina, justamente por não se sentir merecedor de tanto sofrimento. A razão não consegue explicar tanto

sofrimento e é justamente ela que anuncia o sem sentido da existência.

Berdiaeff desenvolve a reflexão e argumenta sobre a implicação de entender a liberdade como criação de Deus. De fato, se a liberdade é criada por Deus, ela torna-se penetrável por Ele em sua profundidade. Ele, então, poderia prever o mal e sofrimento do mundo, desse mundo que está sob Sua vontade e Seu poder; Ele poderia prever, segundo nosso autor, até o castigo e as penas eternas e, como conclusão óbvia, ele permitiria toda essa atrocidade. Mas, para Berdiaeff, é só na espiritualidade pura e na mística que penetramos na vida original, pois melhor seria considerar a teologia negativa, pela manutenção do mistério; é o mistério que servirá de fonte ao conhecimento, e é do mistério que estamos apartados. Para Berdiaeff,

*Do Nada divino, do Gottheit, do Ungrund nasce a Trindade, nasce o Deus criador, e sua criação do mundo constitui desde já um ato secundário. Partindo desse ponto de vista, nós podemos reconhecer que a liberdade não é nem criada, nem determinada por Deus criador, que ela está enraizada no Nada (...) (1935, p.42)*

E mais:

*A distinção entre Deus criador e a liberdade do nada é desde já secundária; ela se perde no mistério original, no Nada divino, pois é do Ungrund que se revela Deus, como é dele igualmente que se revela a liberdade. Assim o Deus criador é absolvido de toda a responsabilidade quanto à liberdade que engendra o mal. O homem é ao mesmo tempo filho de Deus e filho da liberdade, do nada, do não ser. A liberdade do Nada consente a criação de Deus, o não ser consente livremente o ser. (Ibid.)*

O ser é retirado do nada por Deus, isto é, em plena concordância com Kierkegaard, Berdiaeff dirá que o ser só é, se for criatura de Deus. Sem essa filiação, somos produto do nada e só produziremos nada. A concordância se dá apenas na consequência do ato humano, em sua escolha em se dirigir para Deus. O livre ato moral pode, então, se realizar não só em relação à vida moral, mas também em relação a toda vida humana e, conseqüentemente, está ligado à plenitude da vida espiritual. A ética é o conhecimento do espírito, não é o que está ligado

à necessidade natural, mas o que está ligado à liberdade espiritual do homem que lhe pertence.

### ***A presença do mal: angústia da liberdade***

Para os nossos pensadores, a presença da angústia indica, ao mesmo tempo, tanto a expressão da miserabilidade humana como o seu caráter sobrenatural, o que implica na constatação do abismo que há entre Deus e o ser humano. Ao se referir ao mito da queda, diferente de Kierkegaard que apresenta a dificuldade de suportar a angústia da possibilidade, a vertigem do absoluto, como um ato de liberdade que mata a própria liberdade, Berdiaeff apresenta-nos a autêntica tragédia, que não é só do mundo, é também de Deus. Pois se Deus criador é todo poderoso sobre o ser, sobre o mundo criado, Ele não é sobre o não ser, sobre a liberdade incriada, que lhe fica impenetrável. Primeiro, Deus cria, mas secundariamente se cria um mal que Ele não criou. Segundo o pensador russo, Deus trinitário que nasce do abismo, do Nada divino, se afronta com a liberdade desse Nada: Ele cria o mundo e o homem desse Nada, mas quando o homem por orgulho se revolta contra Deus, retorna a esse não ser original, e nesse momento, o Nada que não é um mal em si, torna-se o mal. E um segundo ato surge: Deus não aparece sob o aspecto do Criador, mas sob o aspecto do Redentor e do Salvador, que pega sobre Ele os pecados do mundo. Sob o aspecto de Deus filho, ele desce ao abismo, na profundidade da liberdade de onde nasce o mal, mas de onde procede também o bem. Berdiaeff, então, nos fala do sacrifício de Deus para vencer esse aspecto do Nada e do mistério da redenção. (cf.1935,p.43-46)

A própria queda, em Berdiaeff, só pode ser explicada pela liberdade incriada. Já para Kierkegaard, a falta não se explica. A característica insuficiente de toda explicação é mantida, pois é necessário que entendamos a falta como um estado onde vivemos a possibilidade da liberdade, uma experiência do que está por vir, uma experiência do nada que mora na possibilidade. A fonte da angústia é a queda da liberdade sobre sua própria inconsistência. A angústia é a “fase psicológica que precede o pecado, que dele se aproxima o mais possível, tão

ansiosamente quanto pode, sem, no entanto, explicar o pecado que só irrompe no salto qualitativo” (Kierkegaard, s/d, p. 140). Assim, em Kierkegaard, a angústia é entendida como uma vertigem que se pega ao finito para se apoiar; a liberdade sucumbe nessa vertigem e, no mesmo instante, se percebe culpada.

Portanto, o mal no mundo não é criado por Deus, mas sim pelo pecado; ou o mal é determinado pela liberdade e não por um deus perverso. Berdiaeff desenvolve essa questão e apresenta o seguinte paradoxo:

*Deus se acha para além do bem e do mal, e isso é evidente, pois ele não se encontra em nosso mundo caído. Deus é supra-bem, e mais, Nele, o mal que se encontra aqui, esse mal da distinção, não pode existir. E quando nós nos questionamos se Deus é livre de valorar o mal, nós estamos aplicando a Deus as categorias do nosso mundo caído.. Portanto, para ele, nós devemos abordar a questão de uma forma apofática.. Deus não depende claramente do bem e nem está ligado a ele. É ele próprio o Bem, enquanto força absoluta. Mas devemos simultaneamente reconhecer que não é o bem, mas o supra bem, a categoria de bem não se adapta a ele. Nenhum julgamento deve ser colocado sobre Deus, pois é ele próprio a fonte de todos os valores sob o ângulo dos quais tem se ligado o julgar. Deus se revela a nós como fonte de valores, tanto como amor infinito. Assim, a teodicéia só pode julgar Deus do ponto de vista do que Deus revela dele próprio. (1935, p.64)*

Há outro ponto, “ainda mais inquietante”, diria Berdiaeff: não é uma questão de realizar a lei, mas sim de criar o novo. O homem, enquanto ser livre é chamado a criar novos valores e não apenas a seguir a lei.

*O mundo dos valores não é um mundo ideal e imóvel, que estaria acima do homem e da liberdade, é um mundo móvel e suscetível a ser criado. O homem é livre em relação ao bem e ao valor, não quanto na sua aceitação ou recusa em realizá-los, como livre em relação a Deus, tanto quanto em sua conversão a Ele ou no seu abandono Dele, na realização ou na rejeição de Sua vontade. É livre quanto a sua participação criativa na obra divina, quanto a criação do bem. Esse ponto uma vez estabelecido nos obriga a elaborar uma ética que compreende o bem e a vida moral, sob o ângulo da criação. (BERDIAEFF, 1935, p.65)*

A ética deve ser a disciplina que revela o espírito humano, da força espiritual e não da lei e da norma, essas são mutáveis, estão ligadas à força de criação do próprio homem. Kierkegaard afirma que é na falta de consciência de seu destino

espiritual que o ser humano se percebe desesperado, isto é, se reconhece pecador, distanciado de sua origem. Para ambos os autores somos obrigados a escolher. Em Berdiaeff essa escolha parte da liberdade incriada e, por esse motivo, é em parte divina, em parte diabólica, pois a saída do Nada irá depender de quanto conseguimos ir em direção ao Bem, o que é sinônimo de superação do vazio. E, não raro, produzimos mais vazio.

Em Berdiaeff, a liberdade é a condição fundamental da vida moral, que não poderia existir nem sem a liberdade do bem, nem sem a liberdade do mal. É precisamente o que deixa trágica a vida moral e faz da ética uma filosofia da tragédia. A tragédia da ética está no fato de que sua questão não é especificamente a norma, das leis morais, do bem, mas sim o da liberdade de Deus e da liberdade do homem (Cf. BERDIAEFF, 1935, p. 28-36). A ética está ligada à liberdade humana.

Kierkegaard aponta essa direção quando estabelece os seus estádios da existência, que nada mais são que a descrição de modos existências. No estético, o ser humano está entregue ao imediato, está preso aos seus sentidos. No ético, ele se submete a lei moral e no religioso ele se deixa guiar pelo Amor, para além do bem e do mal. Sinteticamente, poderíamos dizer que no estético estamos submissos ao prazer idealizado, no ético, encarnamos as regras universais do dever. É nesse estádio que estamos diante da existência efetiva como auto-afirmação do sujeito, que se exprime pelo julgamento e se atualiza pela realização do dever. Só que a história do sujeito começa pela afirmação de si mesmo pela escolha e, ao mesmo tempo, pela subordinação de sua existência a uma lei. Porém, como o indivíduo encontra-se na não-verdade, ele não pode ser sua própria referência, há necessidade de um mediador – a segunda ética supõe a intervenção de um elemento exterior, o acesso a uma realidade nova, paradoxal, que consiste no apelo singular do religioso (estádio ético-religioso). Para Kierkegaard, existir como ser humano significa existir eticamente. Para o estádio religioso, o indivíduo também passa através de um salto, onde

a razão se esgota, qualquer critério humano é superado e a presença do paradoxo se impõe.

O mal, para ambos os autores, está relacionado com a nossa ontologia e será no problema da morte que a questão ética se revelará uma questão ontológica mais aprofundada. Entre a vida no tempo e a vida na eternidade, há um abismo que só se pode atravessar pela morte, isto é pela angústia da ruptura. Antes do fato fisiológico e psicológico, a morte é uma experiência do espírito. Sendo a angústia aquela que nos faz ser na não verdade, ou mesmo aquela que nos lembra de nossa origem misteriosa, o fato é que nosso ser se sustenta no vazio.

### *Considerações finais*

Não há como negar que ambos os autores suspeitam das reduções apressadas para se falar de Deus. Mas há, evidentemente, uma diferença aqui: Kierkegaard não admitiria a possibilidade de uma liberdade incriada, mas aceita o mistério que se apresenta à razão de forma paradoxal. E, nesse ponto, ambos os autores se completam e se alimentam: o mal, para eles, é de fato uma problema para a razão suficiente, devido justamente ao caráter trágico e paradoxal da condição humana. Há uma tensão presente na atividade cognitiva que nos aponta para uma insuficiência para falar de Deus e da própria liberdade que nos responsabiliza pelo mal, devido às nossas próprias escolhas, das quais, segundo Kierkegaard, não podemos nos abster: somos condenados a escolher e sem garantia alguma que essa escolha seja a melhor. O que nos leva, segundo Berdiaeff, ao papel de co-criador, responsável por criar o novo, seja em relação aos valores, seja em relação a Deus, no que diz respeito em se converter a ele ou abandoná-lo, seja na rejeição ou na realização de Sua vontade, o que resulta em elaborar uma ética que compreenda o bem e a vida moral, sob o ângulo da criação.

### *Referências*

BERDIAEFF, Nicolas. De la destination de l'homme: essai déthique paradoxale. Paris: Je Sers, 1935.

DREWERMANN, Eugen. Le mal: approche philosophique du récit yahviste des origines. Paris: Discleé de Brouwer, 1976.

KIERKEGAARD, Sören. O conceito de angústia. Trad. João Lopes Alves. Lisboa: Presença, s/d.

\_\_\_\_\_. Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. Soeren Kierkegaard: textos selecionados por Ernani Reichmann. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1978.

### **Sobre a autora**

**Maria Cristina Mariante Guarnieri:** Psicóloga Clínica. Doutora em Ciências da Religião – PUC/SP. Pesquisadora do NEMES – Núcleo de Estudos em Mística e Santidade – PUC/SP, e-mail: crisguarnieri@uol.com.br

\* Esse artigo é baseado em duas comunicações: uma feita na ANPOF, em 2008, e outra, realizada no mesmo ano, para o I Seminário do grupo NEMES- Núcleo de Mística e Santidade da PUC/SP, cujo tema era “O mal está entre nós?”.